PARA QUEM CONTAR SUA HISTÓRIA

***MHUDI*, DE SOL PLAATJE, 1930.**

Raquel G. A. Gomes

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
raquel8755@gmail.com

Resumo:

Analisando o romance histórico *Mhudi, An Epic of South African Native Life a Hundred Years Ago*, escrito pelo político, literato e jornalista sul-africano Sol Plaatje ao longo das décadas de 1910 e 1920 mas publicado somente no ano de 1930, podemos perceber muitas das principais preocupações e motivações políticas do autor da narrativa - em especial, seu diálogo com um cenário social em constantes transformações após a consolidação do estado nacional sul-africano, em 1910.

Palavras-chave: África do Sul, literatura, memória, gênero.

Abstract:

This paper presents an analysis of the historical novel *Mhudi, an Epic of South African Native Life a Hundred Years Ago*, written by Sol Plaatje, South African writer, journalist and a fundamental political leadership in the beginnings of the 20th century in South Africa. *Mhudi* was written between 1910 and 1920, but it was only published in 1930. It is my intention to indicate some of Plaatje's political concerns and motivations and how they are reflected in the novel - especially how the novel dialogues with a political scenario facing constant transformations after the consolidation of the Union of South Africa in 1910.

Keywords: South Africa, literature, memory, gender.

No início do ano de 1923, o político, escritor e jornalista sul-africano Sol Plaatje¹ retornava para a União Sul Africana após um período de aproximadamente dois anos circulando pela América do Norte.² Em seus dias nas diversas cidades que visitou nos Estados Unidos e no Canadá, Plaatje fez sucessivas palestras, apresentando para o público norte-americano relatos sobre a situação enfrentada pelos nativos sul-africanos após a instituição do estado nacional, em 1910: afinal, sabia-se que, em maio daquele ano, o estabelecimento da unificação de códigos e leis que regiam o território que se tornou então conhecido como União Sul-Africana não havia colocado fim às disputas e divergências étnicas, políticas, econômicas e linguísticas que permeavam aquele extremo sul do continente africano.

Tomada em sua totalidade, a obra de Plaatje permite acessar grande parte das articulações políticas nativas que se intensificaram nas décadas iniciais do século XX. Sua produção, durante o período de acirramento da legislação segregacionista, não esteve centrada apenas nas atuações entre o jornalismo e a dedicação aos projetos do *South African Native National Congress* (SANNC), órgão político que ajudara a fundar em 1912³: neste período, destaca-se também sua fundamental compilação dos impactos trazidos pelo *Natives' Land Act* de 1913 para a população rural sul-africana, apresentados na obra publicada em 1916, *Native Life in South Africa* - livro que foi consumido com voracidade por aqueles que assistiram a suas palestras na América do Norte.⁴ Foi também ao longo da década de 1910 que Plaatje

¹ Pronuncia-se *Plaakie*. Plaatje tinha origem Barolong-Tswana.

² Ao longo da década de 1920, Sol Plaatje iniciou um diálogo intelectual e político com a América do Norte - em 1920, viajou a Montreal e Toronto, no Canadá, onde começou um trabalho no que chamava de "divulgação da realidade do nativo sul-africano". Suas palestras chegaram também aos Estados Unidos, onde conheceu pessoalmente W. E. B. Du Bois, que se tornou o editor de *Native Life in South Africa* nos Estados Unidos. Plaatje passa, desta forma, a transitar num cenário que vai além daquele da esfera de influência do imperialismo britânico - que já se mostrara desinteressado em defender a causa nativa frente ao acirramento do discurso *afrikaner* de separação total entre brancos e negros.

³ A constituição do *South African Native National Congress*, em 1912, congregava especialmente nativos que haviam passado pela experiência da educação missionária e que eram parte de uma elite urbana, letrada e cristã, que reivindicava iguais direitos de participação política na União Sul Africana. Anos mais tarde, o órgão político tornar-se-ia conhecido como *African National Congress*, ou ANC.

⁴ O *Natives' Land Act*, estabelecido em junho de 1913, condicionava uma população de aproximadamente 5 milhões de nativos a uma área equivalente a 7,5% do território sul-africano, sendo um dos diversos exemplos de políticas segregacionistas que acompanharam o surgimento da União. A lei de 1913 também delimitava que a compra e venda de terras só poderia acontecer entre nativos, além de proibir contratos de arrendamento de terras e de partilha de colheitas entre nativos e brancos. Apesar de fazer parte de uma elite letrada e urbana entre os nativos sul-africanos, Sol Plaatje preocupava-se com os impactos da legislação nas populações distantes dos grandes centros. Após a implementação da lei, viajou, durante meses, pelo interior do território, recolhendo casos e narrativas particulares que mostravam cotidianos alterados pelas transformações que o *Natives' Land Act* impunha às organizações espaciais e aos modos de viver.

envolveu-se em projetos literários diversos, como a tradução de obras de Shakespeare para o setswana, dando início também às pesquisas sobre a história Barolong⁵ que fundamentariam a escrita do romance histórico *Mhudi, An Epic of South African Native Life a Hundred Years Ago* - publicado, como veremos, no ano de 1930.

Apesar de Plaatje ter se consolidado, na década de 1910, como um dos nomes fundamentais da resistência nativa à opressão das políticas segregacionistas que ganhavam cada vez mais força, a União Sul Africana que o literato encontrou em seu regresso da viagem à América do Norte, em 1923, guardava algumas mudanças: lembre-se, por exemplo, o fato de o poder político do *South African Native National Congress*⁶ ter sido desafiado pelo surgimento do *Industrial and Commercial Workers Union*, o primeiro sindicato com expressividade política na União (WILLAN, 1996: pp. 303-304). Outras lideranças africanas, frustradas com a fragilidade política do SANNC, haviam redirecionado seus esforços para outros centros políticos ou culturais, e o grupo político estabelecido em 1912 parecia começar os primeiros anos da década de 1920 em uma crise de identidade.⁷ Neste cenário, Plaatje buscou reconstruir sua vida na União Sul Africana a partir do jornalismo, e começou a escrever eventualmente para diversos periódicos,⁸ sempre advogando a ideia de que a igualdade política precisava ser garantida aos nativos sul-africanos pela representatividade no Parlamento e pelo direito ao voto.

Neste período, Plaatje também buscou a publicação do texto escrito anos antes: *Mhudi - An Epic of South African Native Life a Hundred Years Ago* - atente-se, portanto, que a narrativa faz alusão a eventos transcorridos na primeira metade do século XIX. *Mhudi*, de certa foma, dá continuidade a muitos dos temas explorados por Plaatje no livro publicado em 1916, *Native Life in South Africa*, especialmente a relação do nativo com sua história e também as narrativas de pertencimento a um local ou a um grupo. A diferença mais notável, contudo, talvez seja a forma de Plaatje avaliar essas relações de pertencimento - se em *Native Life in South Africa* o *pertencer* fazia parte de um discurso que construía uma resistência a políticas de

⁵ O termo Barolong refere-se às populações Tswana da região noroeste do território sul-africano.

⁶ Referenciado, daqui por diante, como SANNC.

⁷ Além da fragilidade política, o projeto político do SANNC, reconhecidamente moderado e moldado a partir da experiência cristã difundida pelos espaços missionários, começava a mostrar-se frustrante para camadas da população atingidas pela intensificação das políticas de segregação - que demandavam, acreditava-se, uma resposta mais incisiva por parte das populações nativas.

⁸ Plaatje publicou, por exemplo, no *Star*, *Pretoria News*, *Cape Times*, *Cape Argus*, *Diamond Fields Advertiser*, *Daily Dispatch*, *Umteteli wa Bantu*, entre outros.

opressão, em *Mhudi*, *pertencer* adquire um tom filosófico, algo próximo a um *saber estar* no mundo.

Reivindicado pelo autor como um romance histórico, *Mhudi* remete ao período compreendido entre 1815 e 1838 no território sul-africano - o período da *mfecane* ou *difaqane/lifaqane*,⁹ termos utilizados na historiografia para descrever o momento de intensas mudanças entre os africanos, especialmente os Zulu, numa região central do território sul-africano que corresponderia, posteriormente, a partes dos territórios que seriam, anos mais tarde, conhecidos como a colônia britânica de Natal e a República Bôer do Transvaal. Trata-se, essencialmente, de uma reordenação de espaços e do surgimento de novas chefias que, no início do século XIX, rebelaram-se contra o poder militar-expansionista de Shaka Zulu¹⁰ - como o caso dos Matabele¹¹, que viram a constituição do poder de seu líder Mzilikazi, e dos Sotho, sob a liderança de Moshoeshoe (SAUNDERS, SOUTHEY, SUTTIE, 2000: pp. 172-173). A historiografia indica que os conflitos iniciados a partir da expansão Zulu teriam criado um grande vazio demográfico naquela região do território sul-africano, facilitando o deslocamento e instalação dos grupos bôeres que, a partir de meados da década de 1830, abandonariam a colônia do Cabo fugindo daquilo que denominavam "a opressão das leis britânicas", no evento que ficou conhecido como *The Great Trek* - ou "A Grande Jornada".¹²

Os dois principais personagens das páginas de *Mhudi* são Barolongs: Ra-Thaga e a personagem que dá título ao romance, Mhudi. Antes mesmo de começar a narrativa central, aliás, Plaatje abre espaço para apresentar aqueles que define como os personagens centrais de sua história, sendo Mhudi apresentada como "M'HUDI (a harvester), heroine of the tale (pron. *Moody*)", e Ra-Thaga - "RA-TAGHA - (the bird

⁹ *Mfecane* é o termo em Zulu para "esmagamento", enquanto que em Sotho o termo *difaqane*, significa "martelada" e *lifaqane*, "migração forçada". (SAUNDERS, SOUTHEY, SUTTIE, 2000: p. 172).

¹⁰ Conhecido por centralizar o poder Zulu e subjugar inúmeras outras chefias, expandindo seus domínios sobre grande parte da região que hoje é conhecida como KwaZulu-Natal, Shaka Senzangakhona (1787-1828), mais conhecido como Shaka Zulu, permanece, ainda hoje, alvo de constantes debates historiográficos. Para uma discussão recente sobre sua biografia e os usos políticos que são feitos dela, ver o trabalho de Dan Wylie - *Myth of Iron: Shaka in History*. Scottsville: University of KwaZulu-Natal Press, 2006.

¹¹ Forma usual do poder britânico referenciar, ao longo do século XIX e início do XX, os povos Ndebele.

¹² Destaque-se também que a historiografia, a partir da década de 1960, investiu em um esforço para enfatizar o período da *mfecane* como um momento de expansão e construção de estados, ressaltando que leituras que atentavam unicamente para a violência dos embates militares e para as ações dos exércitos de Shaka Zulu estavam comprometidas, muitas vezes, com a legitimação da conquista branca daqueles territórios, atrelando à presença branca a certeza de que a "ferocidade" e a devastação, atreladas à presença dos africanos, não mais seriam vivenciadas ali. (idem).

man), her husband" (PLAATJE, 1989 [1930], p.8).¹³ Levando em consideração que se trata de um romance de início do século XX, escrito por um homem com uma bagagem de formação no espaço de ensino missionário cristão – no qual os papéis de gênero eram muitas vezes reforçados pelo estudo da Bíblia – e por um homem que partilhava de um código cultural que queria que os nativos "civilizados" reconhecessem que o espaço destinado para as mulheres era o ambiente doméstico, de proteção e gestação da família – chama a atenção que o principal personagem masculino do romance seja definido e apresentado, unicamente, como o marido da personagem-título da narrativa. Ra-Thaga, herói de uma narrativa que quer resgatar o passado do território sul-africano, não é definido, por seu criador, por características que também permeiam a sua personagem na narrativa: não é apresentado como um bravo guerreiro, como o principal líder militar da tribo, como caçador, como um homem de grandes conquistas. Ra-Thaga é marido de Mhudi. Note-se também que Mhudi, em contrapartida, não é definida por Plaatje como esposa de Ra-Thaga – ela ganha definição própria para além da sua relação de casamento, e é claramente chamada de "heroína" do romance.

Ra-Thaga escapa do massacre que dizimou quase a totalidade de sua tribo, os Thisidi Barolong, e que fora perpetrado por guerreiros Matabele – tratava-se de uma vingança porque os Barolong da tribo de Ra-Thaga, chefiados por Motshiwa, haviam matado dois coletores de impostos do rei dos Matabele, Mzilikazi. Ra-Thaga e Mhudi estão entre os poucos sobreviventes do massacre e, na fuga da devastação, apaixonam-se. Sozinhos no *veld*¹⁴ sul-africano, no entanto, precisam lutar contra as ameaças constantes do ambiente, das feras ao clima rigoroso. O passar do tempo traz a descoberta de que outros Tshidi Barolong haviam também sobrevivido ao massacre, unindo-se a um outro ramo dos Barolong, os Seleka Barolong que, organizados na

¹³ A edição de *Mhudi* utilizada para a elaboração deste artigo é aquela publicada em Pretoria: Ad. Donker Publisher, 1989. p.8 Outros personagens do romance apresentados por Plaatje na sequência do trecho destacado incluem – "MZILIKAZI (the female mourner), King of the Matabele and Emperor of Central South Africa; UMNANDI (the sweet one), his favourite spouse; NO-MENTI, another spouse, bitterly jealous of UMNANDI; LANGA (sun), Crown Prince of the Matabele; GUBUZA, Commander-in-Chief of the Matabele Impis; QANDA, TABATA, SITONGA, DAMBUZA, DINGISWAYO, other warriors, and Uncles of Langa; TAUANA (Lion's whelp), Chief of the Barolong; MOROKA (Rainmaker), Chief of another Barolong clan; TAAIBOS, a Qoranna Chief; TON-QON, (his headman) a villain; POTGIETER, SAREL SILL-JAY, Boer Voortrekker Leasers; PHIL-JAY, a Noble Boer; PHIL-JUNE, VAN ZIJL, his friends; ANNTETJIE; PHIL-JAY'S FIANCÉE and sister to Zan Zijl."

¹⁴ Paisagem característica das regiões planas do sul do continente africano, com vastas áreas planas recobertas por pradarias e pequenos arbustos.

vila de Thaba Nchu, acolheram os sobreviventes. Mhudi e Ra-Thaga são convidados a se unir ao grupo.

Em um determinado dia, um grupo de bôeres liderados por Sarel Cilliers chega a Thaba Nchu - haviam partido do Cabo, território que se tornara hostil aos bôeres após a ocupação sistemática por colonos britânicos que julgavam bárbaros muitos dos hábitos dos bôeres.¹⁵ Eram críticos, em especial, da manutenção da escravidão, e acreditavam que os bôeres eram, na verdade, um grupo de europeus que havia se "degenerado" após o longo período de estabelecimento no continente africano. No romance histórico de Sol Plaaie, o primeiro contato entre estes bôeres que eram parte do *Great Trek* e os Barolong aconteceu de forma relativamente amigável - os Barolong avisaram aos *voortrekkers*¹⁶ dos perigos que os Matabele de Mzilikazi representavam para sua jornada e, em agradecimento, os bôeres asseguraram aos Barolong que vingariam sua tribo massacrada.

Acompanhando o cotidiano dos Matabele, descobrimos que Umnandi, a esposa favorita de Mzilikazi, havia desaparecido do vilarejo, deixando o chefe em completo estado de lamentação. Ao mesmo tempo, um novo ataque que Mzilikazi organizava contra os Barolong é frustrado. Os bôeres, por outro lado, são atacados pelos homens de Mzilikazi, seu gado sendo roubado e boa parte dos homens assassinados. Aqueles que sobrevivem são acolhidos pelos Barolong em Thaba Nchu - e embora as relações entre estes dois grupos étnicos tenha sido construída em termos amigáveis ao longo da narrativa, uma certa tensão parece permear o encontro e a acolhida. É neste momento que Ra-Thaga conhece De Villiers, um bôer que aprende setswana, ensina algo do *dutch*¹⁷ distorcido ao marido de Mhudi e acaba também por tornar-se seu amigo próximo.

Algum tempo se passa até que os bôeres liderados por Potgieter e os Barolong de Ra-Thaga decidam por um ataque contra os Matabele, na esperança de acabar com qualquer tensão de que pudessem ser atacados por Mzilikazi. No acordo firmado, os bôeres concordavam que se estabeleceriam nas terras a leste do rio Molopo, deixando

¹⁵ O domínio britânico efetivo da região da Colônia do Cabo inicia-se em 1814, com os primeiros colonos chegando à região por volta de 1820.

¹⁶ Como eram chamados os bôeres que integravam os grupos que se deslocavam da Colônia do Cabo para o interior sul-africano em busca de territórios em que pudessem se estabelecer e dar continuidade a um estilo de vida que viam ameaçado pela presença colonial britânica.

¹⁷ A expressão refere-se, provavelmente, ao chamado *Cape Dutch*, uma espécie de língua de contato (pidgin) com diversas influências - português, inglês, holandês, alemão, francês, malaio e diversas línguas africanas.

para os Barolong as terras que eram ancestralmente suas. Durante a guerra, Mhudi descobre-se doente, com malária. Nos sonhos da febre, vê Ra-Thaga sendo morto em combate e, temendo por seu marido, decide abandonar Thaba Nchu e partir para juntar-se a ele em campo de batalha. Nessa jornada febril, Mhudi encontra Umnandi, a desaparecida esposa de Mzilikazi - que, descobre-se, fora enfeitiçada pelas outras esposas do líder dos Matabele, invejosas da atenção que a esposa favorita recebia; as duas mulheres tornam-se amigas, separando-se apenas quando Umnandi retorna para Mzilikazi após a derrota do chefe pelas forças unificadas entre bôeres e Barolongs. O retorno de Umnandi dá ao chefe Matabele a certeza de que sua derrota fora na verdade castigo por sua ambição, mas a alegria de ter sua esposa favorita de volta supera a infelicidade da derrota militar.

Derrotada a ameaça Matabele, Mhudi e Ra-Thaga retornam para Thaba Nchu, ganhando de presente dos amigos bôeres um vagão e gado. Nas páginas finais da narrativa, somos lembrados de que nem todos os bôeres eram como aqueles que se tornaram amigos dos Barolong. O narrador anuncia que

Phil Jay ofendera de maneira atroz as suscetibilidades de seu povo ao confraternizar abertamente com o casal de negros, e quando os bôeres viram Mhudi e Ra-Thaga partindo pela última vez, aliviaram-se com o fechamento das cortinas do que consideravam ser um espetáculo dos mais vergonhosos. (...) (PLAATJE, 1989 [1930], p.199)¹⁸

Mhudi, An Epic of South African Native Life a Hundred Years Ago parece ter sido recebido com interesse pelo público - não tanto por sua qualidade narrativa ou por ser um "romance rico e complexo" (WILLAN, 1984: p. 366), mas por caracterizar-se como o que alguns críticos ainda definiam como um romance "extremamente bom para um nativo" (idem). Críticos mais duros afirmavam que os conhecedores do "real caráter" dos bôeres jamais acreditariam na possibilidade de uma história como a que se desenrolava nas páginas do romance de Sol Plaatje. O que parecia concentrar a

¹⁸ Os trechos extraídos do romance, bem como da bibliografia especializada, serão apresentados em livre tradução da autora no corpo do texto, com suas versões originais disponibilizadas nas notas de rodapé, como segue: "'Phil Jay grievously offended his people's susceptibilities by openly fraternising with the black couple, and when the Boers had seen the backs of Mhudi and Ra-Thaga for the last time, they were glad to draw the curtain on what they regarded as a most disgraceful spectacle. (...)'"

atenção do público e dos críticos, no entanto, era o fato de que *Mhudi* era o primeiro romance escrito em inglês por um sul-africano nativo.¹⁹

Mas quem era, afinal, o público de *Mhudi*? Qual teria sido o leitor idealizado por Sol Plaatje para seu romance histórico? Relembrando os dados resgatados por Tim Couzens sobre as taxas de alfabetização na União Sul Africana, seria difícil acreditar que *Mhudi* tivesse sido idealizado exclusivamente para os nativos: em 1921, estimava-se que 10% da população nativa fosse alfabetizada; dez anos mais tarde, essa porcentagem subiria para 12% (COUZENS, 1976: p. 9), não sendo, portanto, expressiva.

Na União Sul Africana, podemos imaginar que o romance histórico de Sol Plaatje possa ter sido acolhido entre o público anglófono com algum interesse ou curiosidade. Difícil imaginar, contudo, *afrikaners* como J. B. M. Hertzog atirando-se à busca de um exemplar da narrativa que um nativo sul-africano construía a partir de um evento fundador da identidade bôer/*afrikaner*, o *Great Trek*. Pode-se ponderar, contudo, a possibilidade de que Plaatje estivesse mais interessado em conseguir interesse de um público externo - provavelmente o mesmo que se mostrara interessado, na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Canadá, por *Native Life in South Africa*. Brian Willan indica que, após a publicação de *Mhudi*, Plaatje encomendou à editora 250 cópias que ele mesmo cuidou de distribuir. O literato sul-africano escreveu também para W. E. B. Du Bois, perguntando sobre a possibilidade de publicar o romance histórico nos Estados Unidos, a exemplo do que acontecera com sua biografia da implementação da lei de terras na União Sul Africana publicada em 1916; não existe, contudo, qualquer registro de resposta de Du Bois. Firme em seu propósito, Plaatje escreveu ainda ao Dr. Robert Russa Moton, indicado diretor do Tuskegee Institute²⁰ após a morte de Booker Washington. Uma carta de resposta foi enviada por seu secretário ao literato sul-africano, e dizia que

¹⁹ Interessante ressaltar que Vere Stent, jornalista da Reuters para o conflito da Guerra Anglo Bôer entre os anos de 1899 e 1902 e que conhecera Plaatje no período em que trabalharam juntos durante o cerco de Mafeking, ao celebrar a publicação de *Mhudi*, destacava que "If Mr. Plaatje was a French subject ... they would *fête* him and make him a member of the *Academie*. In South Africa he is only a Native, and may not even ride a tram in the capital of the Union." apud WILLAN, 1984: p. 362.

²⁰ O *Tuskegee Normal and Industrial Institute* (hoje a Tuskegee University) foi fundado no Alabama, em 1881, por Booker T. Washington, que acreditava que a chave para a melhoria da condição do negro na América do Norte passava pelo aumento de oportunidades no ensino e no progresso econômico. Adotando o que muitos consideram uma política moderada e conservadora, Washington conseguiu apoio econômico para o empreendimento de seu instituto, onde treinava afro-americanos na chamada *industrial education* - atividades como a marcenaria ou novas técnicas de cultivo agrícola que, acreditava, garantiriam o lugar do negro em uma sociedade que se ajustava ao final da escravidão, em

Não tenho certeza, contudo, de que *Mhudi* encontraria na América toda a circulação que você espera alcançar com ele [o romance]. É verdade que a literatura negra está em voga no momento atual, mas não a do tipo que seu livro representa. Não creio que qualquer editora se interessaria por lançá-lo... (...) (apud WILLAN, 1984: p. 365).²¹

Se seu público direto pode permanecer alvo de debates, é fato que *Mhudi* tinha uma intenção clara, destacada por Plaatje no breve prefácio que escreveu à primeira edição:

Este livro foi escrito com dois objetivos, a saber: (a) interpretar para o público leitor uma fase da “forma de pensar nativa” e (b) com o dinheiro arrecadado pelas vendas, reunir e imprimir (para escolas Bantu) contos do folclore setswana que, com a disseminação das ideias europeias, estão sendo rapidamente esquecidos. Espera-se, portanto, deter esse processo, cultivando um amor pela literatura e pela arte [Tswana] (...). (PLAATJE, 1989 [1930], p.11).²²

Levantando dinheiro para ser investido em espaços de ensino preocupados em resgatar tradições dos Tswana - como lendas e os provérbios - Plaatje esperava, provavelmente, dar continuidade a uma certa *ponte* cultural que tivera início na publicação de seu *Proverbs With Literal Translations and Their European Equivalents*, em 1916. Plaatje começara a se preocupar com o fato de que o avanço de idéias e ideais europeus começava a colocar no esquecimento práticas antes usuais aos nativos - especialmente dos Tswana. Relatos indicam que ele trabalhava em um livro compilando lendas e contos da tradição popular Tswana quando faleceu, em 1932. (WILLAN, 1984: p.363)

A. E. Voss defende que, ao inciar sua narrativa a partir da memória de eventos resultantes da *mfecane*, Plaatje resgata também uma história de povos desalojados e

1863. A postura de Washington seria duramente criticada no início do século XX, com o surgimento do movimento de luta por direitos civis.

²¹ "I am doubtful, however, if *Mhudi* would find the circulation in America all that you would hope to achieve for it. It is true that Negro literature is in vogue at the present time, but not of the type which your book represents. I do not think any publisher would volunteer to issue it ... (...)"

²² "This book has been written with two objects in view, viz., (a) to interpret to the reading public, one phase of the 'back of the Native mind'; and (b), with the reader's money, to collect and print (for Bantu schools) Sechuana folk-tales, which, with the spread of European ideas, are fast being forgotten. It is thus hoped to arrest this process by cultivating a love for art and literature (...)"

em deslocamento, povos que precisam reapropriar e reestabelecer seus espaços e suas identidades - voltando, para isso, cem anos no tempo, resgatando como os Matabele haviam desalojado e devastado as terras Barolong e como esse grupo Tswana, mais tarde, em uma aliança com os bôeres que se deslocavam pelo território, havia se vingado dos Matabele (idem, p: 18). Neste sentido, podemos mesmo identificar a heroína da narrativa, Mhudi, seu companheiro, Ra-Thaga, e os poucos Barolong restantes em seu grupo após o embate com os Matabele, como muitos dos nativos que foram desalojados por conta da implementação do *Natives Land Act* em 1913: ao menos, a sensação transmitida ao leitor pelos personagens ao encontrarem destruída sua vila, Kunana, após o incêndio perpetrado pelos homens de Mzilikazi, é de completo abandono. Sensação próxima, provavelmente, àquela de Plaatje, ao perceber-se politicamente abandonado pelos donos dos ideais que ele por tanto tempo advogara como o único caminho para salvação do nativo sul-africano. *Mhudi* é, sim, uma história de deslocamentos forçados e de deslocados tentando a reconstrução, e seus protagonistas não são apenas os Barolong das páginas do romance, mas também homens como Plaatje: membros de uma elite nativa letrada, que transitavam pelos círculos culturais dos grandes centros urbanos sul-africanos e que acreditavam compartilhar de um código civilizacional que havia sido apresentado como parte dos requisitos para sua plena integração à nação sul-africana. Essa integração tornava-se cada vez mais distante, conforme avançava o modelo de estado pautado na consolidação das legislações de segregação racial dos espaços e territórios. Como os personagens do romance histórico *Mhudi*, políticos como Sol Plaatje também tentavam reconstruir suas trajetórias e sua inserção na sociedade sul-africana após a devastação de relações que até então pareciam imutáveis.

Mhudi e Ra-Thaga, os únicos sobreviventes do massacre perpetrado pelos Matabele de Mzilikazi no início da narrativa, são também os únicos personagens que a serem nomeados pelo autor entre os Barolong que escapam com vida do ataque. É provável que representem, em verdade, as possibilidades de ajuste às novas condições que se colocavam aos nativos sul-africanos (seja em 1830, em 1913 ou em 1930). A. E. Voss defende que *Mhudi* é a forma encontrada por Plaatje de resgatar as raízes do trauma que ganhava espaço na sociedade sul-africana e permeava a experiência dos nativos - um argumento que pode ser validado, por exemplo, ao lembrarmos que, apesar de toda a violência perpetrada pelos Matabele ao longo da narrativa, Plaatje não se permite narrar a nação derrotada: como indica Anthony

Chennels, "Ao invés disso, vemos Mzilikazi e seu povo nas florestas do que é hoje Botswana ... reconstruindo-se novamente como uma nação." (CHENNELS, 1997: p. 39).²³

Enquanto isso, é interessante destacar como Plaatje tece nova inversão de concepções pré-estabelecidas - se o autor de *Mhudi* optara por descrever Ra-Thaga unicamente como marido da protagonista da narrativa, parecia também lembrar aos *afrikaners* algumas condições do *Great Trek* que aparentemente se queriam esquecidas. É o caso do diálogo de Sarel Siljay, um dos bôeres que se deslocava pelo território, com o chefe Moroka dos Barolong:

'Mas', perguntou Chefe Moroka, "você não poderiam adorar a Deus ao sul do Rio Orange?"
'Nós poderíamos', respondeu Siljay, 'mas a opressão não conduz à piedade. Nós buscamos liberdade. As leis inglesas do Cabo não são justas conosco.'
'Nós, os Barolong, sempre ouvimos que, desde Davi e Salomão, não houve rei mais justo que o Rei George da Inglaterra.'
'Pode ser que sim', respondeu o líder dos bôeres, 'mas existem sempre dois pontos de vista. O ponto de vista daquele que governa nem sempre é o ponto de vista daqueles que são governados. Nós, os bôeres, estamos cansados de reis e governantes estrangeiros. Queremos apenas um governante, Deus, nosso Criador. Nenhum homem ou mulher pode governar outro.' (PLAATJE, 1989 [1930], pp. 87-88).²⁴

Em 1930, em meio a um processo de consolidação da legislação segregacionista na União Sul Africana, encontramos no romance de Sol Plaatje um personagem branco - um bôer! - recriminando a imposição de leis (definidas como "injustas") e a opressão de seu povo. É grande a probabilidade de que os problemas enfrentados pelo literato sul-africano na busca por uma editora interessada em publicar seu livro estejam atrelados a essa narrativa que tocava em uma memória sensível aos *afrikaners* - o *Great Trek* que, além de tudo, em um movimento duplamente ousado, surgia reconstruído no campo literário por um nativo, que reivindicava o evento como um marco também para a construção identitária e a memória de seu povo.

²³ No original, "Instead we see Mzilikazi and his people in the forests of what is modern-day Botswana ... reconstructing themselves once again as a nation. (...)"

²⁴ "'But,' asked Chief Moroka, 'could you not worship God on the South of the Orange River?'
'We could,' replied Siljay, 'but oppression is not conducive to piety. We are after freedom. The English laws of the Cape are not fair to us.'

'We Barolong have always heard that, since David and Solomon, no king has ruled so justly as King George of England.'

'It may be so,' replied the Boer leader, 'but there are always two points of view. The point of view of the ruler is not always the view point of the ruled. We Boers are tired of foreign kings and rulers. We only want one ruler and that is God, our Creator. No man or woman can rule another.'"

Além disso, atente-se para o fato de que a personagem principal da narrativa deste evento tão emblemático para a composição da identidade étnica *afrikaner* era apresentado, por Plaatje, com um diferencial marcante: sua protagonista, Mhudi. Uma mulher, africana de origem Barolong. É Mhudi que, no desenrolar da narrativa, é obrigada a abandonar as terras de sua ancestralidade e a vida como conhecia. Na jornada em busca de um novo espaço para se estabelecer, constrói uma personalidade marcada pela resiliência e independência - é chamada de "o berço de sua raça" e torna possível um novo começo para seu povo. Em um momento em que milhões de africanos sofriam os impactos de terem sido diretamente afetados por leis como o *Natives' Land Act* de 1913, que destinava à população africana da União uma parcela de terras correspondente a 7,5% do território nacional, Plaatje criava, na literatura, cenários possíveis de resistência e sobrevivência para aqueles que se viam subitamente privados de um dos referenciais primeiros em suas culturas: a terra.

É também a figura de Mhudi que resgata o passado e a noção de pertencimento de Ra-Thaga quando, acreditando não existirem mais membros de Kunana vivos após o massacre do vilarejo, encontra Mhudi:

Até encontrar você, eu não acreditava na existência de outro de nossa tribo, e nunca esperei ouvir nossa língua falada novamente. Ao te ver, não acreditei que você era Barolong. Mas nós dois, de alguma forma, permanecemos vivos para contar a história - mas, para quem? Ah, sim, para quem?... (PLAATJE, 1989 [1930], p.78).²⁵

Sol Plaatje concentra o poder de sua narrativa na figura que, na África do Sul das primeiras décadas do século XX, era aquela que mais facilmente poderia ser imaginada sem voz no cenário político-social: uma mulher negra. Outras figuras de poder da narrativa também são mulheres: a rainha Umnandi dos Ndebele e a jovem bôer Annetje. Há, sim, personagens masculinos fortes em *Mhudi* - o herói Ra-Thaga, companheiro de Mhudi, o rei Mzilikazi, o bôer Phil Jay. Estes, no entanto, têm seu poder na narrativa consolidado majoritariamente a partir das relações que estabelecem com mulheres.

Sabe-se que boa parte da obra política e literária de Plaatje foi influenciada por aquela da literata e feminista Olive Schreiner - uma das pioneiras em pensar a

²⁵ "Until I met you, I did not believe that another of our tribe existed, and I had never expected to hear our language spoken again. On seeing you I did not believe that you were a Barolong. But it turns out that two of us, at any rate, are left alive to tell the story, but - to whom? Ah yes, to whom?" (...)."

construção do estado nacional sul-africano nas décadas finais do século XIX. Schreiner destacava constantemente em seus escritos a importância da mulher na construção da nacionalidade sul-africana - e, em especial, a importância da mulher bôer, cujo exemplo de "retidão moral" a autora considerava necessário para a consolidação da União Sul Africana. Era também a mulher que daria origem a um novo homem - a uma nova *humanidade* - naquele extremo sul do continente africano: o tempo traria a inevitável união entre ingleses e bôeres, consolidando a existência dos sul-africanos brancos da nação desejada. Restava perguntar, contudo, qual o espaço dos nativos neste cenário de construção de identidades políticas e nacionais.

O romance histórico *Mhudi* pode, nesse sentido, ser compreendido também como uma primeira tentativa de inserir, de resgatar, o nativo nas narrativas que construíram a ideia de nação sul-africana entre os séculos XIX e XX - e não como um capítulo à parte nas relações estabelecidas entre os grupos brancos, mas como um agente fundamental e inevitável.

Existe algo de melancólico permeando *Mhudi* - seja pelo conhecimento do que o livro representava, para seu autor, no momento político em que foi elaborado e publicado, seja pela própria consciência que tem o leitor de que, embora aquela narrativa construa um passado que lança perspectivas de esperança para um futuro, a realidade constituía-se em uma diferença impactante. Creio, contudo, que o relato que Sol Plaatje constrói sobre o que chama de "a vida nativa" em 1830 diz mais sobre a situação política nativa da década de 1920 do que sobre eventos como o *Great Treak* ou a *mfecane*.

A decepção de Plaatje com o modelo britânico de política para os nativos e a incapacidade do *South African Native National Congress* em se consolidar naquelas primeiras décadas do século XX como um órgão de resistência nativa unificada representavam uma desilusão com um modelo de vida ao qual o literato fora exposto muito cedo, ainda no espaço das missões, e que crescera acreditando ser o único referencial possível.

Embora *Mhudi* narre diversos processos de reordenamento - os Barolong que reconstróem a vila de Kunana após o ataque dos Matabele de Mzilikazi, Ra-Thaga que

reconstrói sua percepção de mundo ao conhecer Mhudi, os bôeres que reconstróem seu espaço referencial ao longo do *Great Trek* e da ocupação do interior do território sul africano - o maior destes processos é aquele pelo qual o próprio Sol Plaatje passava. Note-se, por exemplo, que o lucro gerado pela venda do romance histórico seria destinado a resgatar, junto às crianças em idade escolar, aspectos da tradição Tswana. Não se tratava mais de criar espaços em que essas crianças pudessem adquirir conhecimentos sobre os chamados "aspectos da vida civilizada", mas sim espaços em que pudessem dividir aspectos ancestrais de uma cultura que Plaatje via agora ameaçada de desaparecimento em meio à adoração de modelos europeus idealizados - que de pouco tinham adiantado, até ali, ao nativo sul-africano.

É provável que a maior conquista de *Mhudi* tenha sido o ecoar, nas décadas seguintes da história sul-africana, da pergunta feita por Ra-Thaga a Mhudi: para quem contar sua história?

Bibliografia

African Historical Dictionaries, n. 78. "Historical Dictionary of South Africa" by Christopher Saunders, Nicholas Southey and Mary-Lynn Suttie. Lanham, Maryland, London: The Scarecrow Press, 2000.

ANDERSON, Benedict – *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BIVONA, Daniel - *British Imperial Literature 1870 - 1940: Writing and the Adminsitration of Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

CHENNELS, Anthony. "Plotting South African History: Narrative in Sol Plaatje's 'Mhudi'". *English in Africa*, vol. 24, n. 1, 1997.

CHRISMAN, Laura - *Rereading the Imperial Romance: British Imperialism and South African Resistance in Haggard, Schreiner, and Plaatje*. Oxford: Oxford University Press, 2000

COUZENS, Tim. "A Short History of "The World" (and other South African Newspapers). *African Studies Seminar Paper*, junho de 1976. Joanesburgo: University of the Witwatersrand, African Studes Institute.

DAVENPORT, Thomas Rodney Hope. *South Africa: a modern History*. London: Mcmillan, 1991 (4ª edição)

GOMES, Raquel G. A. *Uma feminista na contramão do colonialismo: Olive Schreiner, literatura e a construção da nação sul-africana, 1880-1902*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2013.

JACOBSON, Marcelle. "The Personal Papers of Silas Thelesho Molema and Sol Tshekisho Plaatje". *Research in African Literatures*, Vol. 11, No. 02 (Summer, 1980) pp. 224-234.

LEGASSICK, Martin. "British Hegemony and the Origins of Segregation". *Segregation and Apartheid in Twentieth-Century South Africa*. Edited by William Beinart and Saul Dubow. London: Routledge, 1995

MARKS, Shula; TRAPIDO, Stanley. "Lord Milner and the South African State". *History Workshop*, n. 8, 1979, pp. 50 – 80

ODENDAAL, André. *Black Politics in South Africa to 1912*. New Jersey: Barnes & Noble Books, 1984

PLAATJE, Sol. *Native Life in South Africa*. Cape Town: Galvin & Sales, 1982 (1916).

PLAATJE, Sol. *Mhudi – An Epic of South African Native Life a Hundred Years Ago*. Pretoria: Ad. Donker Publisher, 1989. Obra originalmente publicada em Lovedale: Lovedale Press, em 1930.

PLAATJE, Sol. *Sechuana Proverbs With Literal Translations and Their European Equivalents*. London: Kegan Paul, Trench Trubner & Co., Ltd, 1916

SCHREINER, Olive. *Words in Season: the public writing with her own remembrances collected for the first time*. Johannesburg: Penguin Modern Classics, 2005

WILLAN, Brian. *Sol Plaatje – South African Nationalist, 1876-1932*. Berkeley/Los Angeles: Univesity of California Press, 1984

WILLAN, Brian. *Sol Plaatje - Selected Writings*. Johannesburg: Wits Univeristy Press, 1996

Raquel Gryszczenko Alves Gomes: Pós-doutoranda PNPd/Capes junto ao Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Este artigo apresenta ideias e trechos que foram inicialmente debatidos em sua tese de doutorado *"De espinhos e agulhões" segregação e lei de terras na obra de Sol Plaatje, 1899-1930*, defendida no mesmo departamento em março de 2015. Contato: raquel8755@gmail.com

Artigo recebido para publicação em: setembro de 2015
Artigo aprovado para publicação em: janeiro de 2016

Como citar:

GOMES, Raquel G. A. Para quem contar sua história - Mhudi, de Sol Plaatje, 1930. **Revista Transversos. "Dossiê: Áfricas: História, Literatura e Pensamento Social"**. Rio de Janeiro, Vol. 06, nº. 06, pp. 36-51, Ano 03. mar. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.22076.